



Tizuka deu seus passos iniciais como ssistente de dureção em trabalhos regidos por dois titãs do Cinema Novo, Nelson Pereira dos Santos e Glauber Rocha



Lotando salas a granel, entre a década de 1980 e o início dos anos 2010, os filmes de Tizuka pavimentaram um veio comercial exitoso no aundiovisual brasileiro

Nesta quinta-feira, estreia “Minha Melhor Amiga”, de Susana Garcia, com Ingrid Guimarães e Mônica Martelli, cercado pela expectativa de alcançar uma bilheteria de peso num ano especialmente difícil para o cinema brasileiro. Susana é hoje uma das diretoras de maior apelo popular do país e trilha um caminho que você ajudou a pavimentar para muitas cineastas. Que conselho daria a ela, sobretudo quando seu filme é tratado como uma esperança de renovação para as salas?

Cada filme tem uma trajetória particular. Não sei o que dizer para a Susana, mas vai dar certo. Eu não sou a pessoa mais adequada para aconselhar sobre lançamento, pois existem os distribuidores, que deveriam estudar as melhores datas e oferecer essa orientação. É preciso fazer e lançar. Caso não dê certo, faz-se outro. Não há jeito: é isso que sabemos fazer. Na minha época, éramos também responsáveis pela produção e não havia como esperar. A gente metia bronca, lançava e torcia para dar certo. Lembro, por exemplo, de “Bete Balanço” (do qual Tizuka foi produtora executiva), que estreou num período considerado completamente negativo. Todo mundo dizia que a data de sua estreia era ruim, mas nós não adiamos, e o filme foi um sucesso enorme. Às vezes, uma época aparentemente desfavorável é justamente aquela em que a plateia está pronta para receber determinado filme.

Como a espera por recursos, nos editais, mudou de significado para você, com o tempo?

Os últimos dez anos me envelhecaram. Estou com 77 anos. Ainda tenho energia para fazer muitos filmes. Quero morrer num set de filmagem. Mas existe uma segregação etária. É claro que a nova geração não me conhece. A geração mais nova que conheceu os filmes da Xuxa já está hoje com 40, 50 anos. Então, é como se a gente estivesse começando. É como se eu tivesse que dizer: “Olha, fiz uns filmes aí que deram certo e quero fazer outro”. E aí é preciso tentar ganhar os julgadores dos projetos pela ideia que você quer desenvolver.

Esse modelo de financiamento por editais se ajusta à sua maneira de fazer cinema?

Sempre fui ressabiada com essa história de editais, porque sou de uma geração antiga, que acha que cinema tem que ser movido pela emoção da história que se quer

FILMOGRAFIA – LONGAS-METRAGENS

Fotos/Divulgação



‘Gaijin, Os Caminhos da Liberdade’ consagrou a visão autoral de Tizuka sobre a imigração



‘Parahyba Mulher Macho’, com Tânia Alves, bateu a fronteira do milhão



‘O Noviço Rebelde’ trouxe Renato Aragão de volta ao cinema, em 1997



‘Lua de Cristal’ é o maior fenômeno de bilheteria da realizadora com 4.178.165 pagantes

- “Gaijin – Os Caminhos da Liberdade” (1980)
- “Parahyba Mulher Macho” (1983)
- “Patriamada” (1984)
- “Lua de Cristal” (1990)
- “O Noviço Rebelde” (1997)
- “Fica Comigo” (1998)
- “Xuxa Requebra” (1999)
- “Xuxa Popstar” (2000)
- “Gaijin – Ama-me como Sou” (2005)
- “Xuxa em O Mistério de Feiurinha” (2009)
- “Aparecida – O Milagre” (2010)
- “Encantados” (2014)
- “1817 – A Revolução Esquecida” (2017)

contar. Quando você coloca um projeto dentro de um edital, meio que encaixota uma ideia criativa em respostas muito objetivas sobre produção, distribuição, sobre aonde aquele filme vai. Hoje, não tem jeito: você precisa dos editais para... pelo menos... começar um projeto. Já não acho tão complicado, porque fui me acostumando, mas acho horrível essa distância entre o diretor e o projeto, sem que você possa apresentá-lo pessoalmente à banca.

Por que essa apresentação pessoal faria diferença?

Porque, às vezes, a gente ainda não sabe exatamente o filme que vai fazer. O filme acontece durante a trajetória. Você tem uma ideia boa para começar, mas, no decorrer do filme, acontecem coisas que o enriquecem e que são impagáveis. Isso não tem como colocar num edital. Sei que estou perdendo nessa jornada, mas essa tem sido a maneira de conseguir algum investimento para começar e desenvolver um projeto.

De que maneira, com todos os sucessos que fez durante os anos 1980 e

1990, seu cinema fez o público nacional encontrar novos veios populares?

Meu currículo é muito variado. É uma miscelânea. Mas, na verdade, eu percorro assuntos que me interessam. Se é filme infantil, novela ou longa-metragem, não importa. Sou um pouco levada pela paixão que aquele tema desperta em mim. E existe uma coisa interessante: os filmes antigos estão sempre sendo reexibidos. Não tenho muito essa preocupação de pensar que meu último longa foi feito há dez anos. Agora mesmo estive em Campina Grande, no Festival de Inverno, exibindo “Gaijin – Os Caminhos da Liberdade”, “Parahyba Mulher Macho”, “Lua de Cristal”, um compacto de “O Pagador de Promessas”, da TV Globo, e “1817 – A Revolução Esquecida”. É muito bom porque você vê, anos depois, que o filme continua funcionando ou que pode ganhar uma nova leitura.

O período em Atibaia, sobretudo a partir da pandemia, mudou a maneira como você passou a pensar novos filmes?

Em 2019, fechei meu apartamento no Rio de Janeiro e fui provisoriamente para Atibaia, para ficar com a minha mãe, que, naquela época, estava com 95 anos. Logo depois veio a pandemia, e minha companhia era muito importante para tentar protegê-la da covid-19. Acabei gostando de ficar em Atibaia, uma cidade pequena do interior de São Paulo onde passei a infância. Foi muito bom reencontrar gente que para o carro para você atravessar a rua, que cumprimenta você naquela coisa interiorana simples e afetiva. Essa restauração de um período da minha vida me fez muito bem. Nessa situação, comeci a fazer projetos. Montei uma carteira enorme. Até então, eu não conseguia pensar num novo projeto quando estava com a cabeça mergulhada em outro, em realização. A pandemia me trouxe essa possibilidade, de que gostei muito: procurar temas, procurar assuntos e começar a desenvolvê-los.

Que Brasil apareceu nessa busca por novas histórias?

Minha família é uma família de agricultores. Minha avó e meu avô pagaram meus estudos com o que produziam na roça. Sempre digo que eu talvez seja uma das poucas cineastas que têm, por família, um vínculo muito forte com a terra. Pensei que poderia chegar mais perto desse universo interiorano, agrário. Desenvolvi uma novela a partir de um crime ligado ao meio ambiente e do deslocamento de uma família que saiu do Sul do Brasil e vai morar numa

espécie de quilombo. A história acompanha a tentativa de desvendar o crime que atinge o chefe dessa família. É um projeto de que gosto muito.

A investigação da formação brasileira continua sendo uma preocupação central na sua obra?

Muito. No meio desse caminho, fui buscar alguma coisa em Darcy Ribeiro, por quem sempre tive enorme admiração. Nessa jornada, cheguei à Fundação Darcy Ribeiro e descobri um livro que desconhecia, “Diários Índios”. É o registro de uma incursão de Darcy, entre 1949 e 1950, entre os Kadiwéu, no Mato Grosso do Sul. Ele conviveu com indígenas e voltou profundamente marcado pelo que encontrou. Eu quis imaginar uma nova incursão, mais de 70 anos depois, para dizer ao Darcy o que está acontecendo hoje: essa afirmação da cultura indígena, com descendentes dos povos que ele conheceu defendendo seus territórios e criando formas de fazer valer a própria cultura.

O interior também despertou em você o desejo de voltar à fantasia?

A primeira coisa que me passou pela cabeça quando fiquei em Atibaia foram as histórias de assombração que ouvíamos na infância, de que gostávamos e que também nos davam um medo enorme. Desenvolvi um projeto sobre assombrações no interior de São Paulo, não apenas em Atibaia, mas nos arredores. Fiz um projeto de minissérie, com vários capítulos. Cada episódio contava uma história num lugar diferente, mas havia uma protagonista que atravessava tudo, ligada ao espiritismo. Chamava-se “Clara e os Espíritos”. Mandamos para alguns editais, mas não vingou. Gosto muito dele porque acho que tem tudo a ver com a cultura brasileira, principalmente com a cultura interiorana.

E os grandes projetos históricos? Ainda existe desejo de voltar a eles?

Sim. Tirei do baú alguns projetos antigos, épicos, históricos. Mas, se a gente mal consegue fazer um filme barato, imagine um filme de produção cara. Mesmo assim, insisto muito nisso. Primeiro porque acho que precisamos contar a história do Brasil. E não contar de uma forma chata, mas contar a história do país envolvida por algum romance, por alguma história pessoal. “1817 – A Revolução Esquecida”, por exemplo, nasceu de um projeto de longa-metragem. “1817” acabou sendo uma saída para fazer uma produção barata sem abandonar o tema.